

QUANDO A GEOGRAFIA ENCONTRA A LITERATURA: PAISAGEM CÓSMICA E CONFLITO DE VISÕES EM “TUAREG” DE ALBERTO VÁZQUEZ-FIGUEROA

When Geography meets Literature: Cosmic Landscape and conflict of visions in “The Tuareg” by Alberto Vázquez-Figueroa

Bruno Frank¹

RESUMO

Como transmitir a experiência do deserto? O que o *genius loci* (espírito do lugar) pode nos ensinar sobre o homem que habita essas planícies “estéreis”? O romance Tuareg pode conter algumas respostas. Nele, o protagonista mantém uma série de vínculos com o ambiente, a política e os conflitos, cuja natureza de relações possui forte riqueza poética e significado geográfico. O artigo inicia com uma análise do escritor no contexto da obra para em seguida tecer algumas considerações a respeito da estrutura da narrativa, de forma a trazer o estilo e como sua essência capta os fenômenos. Em seguida desenvolvem-se, de forma sintética, os modos de vida, a hierarquia e algumas características dos povos Tuaregues para enquadrar na obra os temas: fronteiras, território, conflitos, política pós-colonial e por fim, o palco do romance: A Paisagem.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Paisagem. Alberto Vázquez-Figueroa. Tuareg.

ABSTRACT

How to transmit the desert experience? What can *genius loci* (spirit of place) teach us about the man who inhabits these ‘sterile’ plains “? The novel Tuareg may contain some answers. In it, the bond between the protagonist and his environment, the “modern” politics, conflict, and the nature of relationships contains very rich poetical and geographical significance. The paper begins with the writer’s biography analysis and the context in which his work has been done. Then, we proceed to care about the framework of the narrative in order to explain how his lyrical essence captures the phenomena. After we dedicated a short essay, on the ways of life, the hierarchy and some features of the Tuareg to finally analyze the following topics: borders, territory, conflict, post-colonial politics and finally the novel great stage: The Landscape.

Keywords: Geography. Literature. Landscape. Alberto Vazquez-Figueroa. Tuareg.

¹ Membro do Laboratório de Paisagem-CTU/UEL e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. bruno.j.frank@gmail.com.
✉ Rodovia Celso Garcia Cid (PR-445), KM 380, Campus Universitário, caixa postal 6001, Londrina, PR. 86051-980.

INTRODUÇÃO

Uma obra literária pode revelar universos interpretativos capazes não só de enriquecer a experiência de muitas das categorias estudadas pela Geografia como servir de convite à imaginação geográfica. Ao lidarmos seriamente com esta hipótese, surgirão diversos questionamentos, dentre eles: seria possível conciliar Geografia e Literatura em um único personagem? Pode uma Paisagem adquirir personalidade própria a ponto de confundir-se com a trama? O romance "Tuareg" do espanhol Alberto Vázquez-Figueroa pode nos indicar alguns caminhos possíveis. A narrativa circula em torno de Gacel Sayah, um Tuareg (povo do deserto) que aventura-se em defesa de seus costumes numa região instável, deixada no vácuo pelos antigos impérios coloniais e os novos e instáveis Estados no norte da África. Um homem misterioso a quem Gacel dava guarida é brutalmente arrancado de sua tenda e levado pelo exército, quebrando um código de hospitalidade ancestral dos Tuaregues. Movido pelo sentimento de acerto de contas, o protagonista embarca em uma aventura a fim de recuperar seu hóspede e retratar-se com seu costume ancestral.

Durante os tumultuosos anos que se seguem da independência Argelina, Gacel muda o destino de uma nação inteira, sem ao menos compreender do que se trata uma nação e altera o rumo político sem entendê-la para além de suas fronteiras culturais. Gacel se afirma sujeito somente às leis que emanam de sua tradição enquanto Tuareg e muçulmano.

A obra, pertencente ao gênero aventura² revela-se também um rico panorama de política pós-colonial e conflitos entre visões de mundo.

² Para um panorama melhor a respeito das contribuições deste autor para o gênero Aventura, ver "La Historia como aventura em Alberto Vázquez-Figueroa" de Eduardo Martínez Rico (2008).

Em sua narrativa, o deserto é elevado à condição de personagem, pois "[...] condiciona as ações, leis de conduta e visão de mundo" (ÁVALOS, 2003, p. 358). Em riqueza de detalhes o relacionamento de seus personagens com o deserto é enriquecido pelo misticismo ancestral dos Tuaregues e por fortes doses de cultura islâmica.

As difíceis condições de sobrevivência exigem que os homens harmonizem com as condições oferecidas pelo habitat. E sem cair em uma forma de determinismo ambiental rasteiro, a experiência narrativa é contornada pelas origens místicas do deserto e de seus habitantes.

Um narrador onisciente compartilha o que pensa Gacel Sayah e seus antagonistas. Ao compreender as ações e reflexões do universo Tuareg em contraposição ao mundo de fora, a narrativa nos levará a analisar o deserto por sua natureza cósmica, mística e como figura do *Genius loci* (espírito do lugar) idealizado por Alberto Vázquez-Figueroa.

Os componentes do ambiente: areia, dunas, sol e horizonte, por exemplo, são dotados de personalidade e simbolismo, no deserto o infinito, a imensidão, na mística, a insignificância perante o divino.

O artigo se divide em três temas e três partes. A primeira é dedicada à experiência do autor na obra e como sua estrutura narrativa incorpora a Geografia do deserto. Na segunda parte abordaremos questões referentes às tribos Tuareg, utilizando-se de outras fontes e compatibilizando-as com o romance. Trata-se de um panorama geral da hierarquia e tradições Tuareg. Por último, uma análise à luz da trama sobre Fronteiras e Território, Paisagem e percepção ambiental.

O AUTOR NA OBRA

É uma rotina comum associar a experiência do autor ao contexto de vida e o período histórico em que escreve. Embora não se trate de um

romance histórico ou autobiográfico, como aponta Brosseau (2013) é importante saber se o autor viveu nos lugares que ele descreve, assim como seu grau de relacionamento com o lugar. Para isso optamos por expor alguns pontos centrais desta relação. Entendemos, no entanto, que ater-se exclusivamente a uma mera correlação entre o contexto e o autor seria reduzir sua capacidade comunicativa.

Primeiramente, é necessário deixar claro que as reflexões presentes no livro não são retratos totalmente fiéis dos tuaregues (embora exista grande fidelidade, conforme atestam outros estudos comparados) e que em grande parte estão imbricados pelas interpretações que o autor deste artigo faz da obra.

Vázquez-Figueroa passou parte de sua infância no deserto do Saara em razão da deportação de seu pai durante a guerra civil espanhola (1936-1939). Na Argélia e em partes do Marrocos entraria em contato e aprenderia com as tribos Tuareg que habitavam a região. Já adulto tornar-se-ia correspondente de guerra e repórter, cobrindo diversos conflitos no Chade, no Congo e na Guiné (ÁVALOS, 2003).

Sua experiência como repórter de guerra e sua vivência entre os Tuareg são visíveis na estrutura de personalidade e nas atitudes de seus personagens, indicando plausível reflexo no mundo real.

Vale ainda lembrar que "Tuareg" se desenvolve na conturbada área do deserto de Magrebe e reflete de forma similar os conflitos históricos ocorridos na região. A situação geopolítica é bastante complexa e não faz parte do escopo deste artigo, no entanto a fim de dar maior sustentação à análise realizamos algumas considerações:

- Encontramos paralelos entre o líder da independência argelina Ahmed Ben Bella, socialista e primeiro presidente (1963-1965) como personagem libertado da prisão por Gacel Sayah conhecido como Abdul-el-Kebir. Seria assim como o personagem histórico Ben Bella, deposto por uma junta militar. Diferente dele, no

entanto, jamais voltaria ao poder no país.

- Houve de fato uma série de conflitos pelo poder na região por toda a década de 1960-1970.
- O romance retrata a decadência das tribos Tuareg e o desmonte das hierarquias que lhe davam sustentação. É importante ressaltar que isso vinha ocorrendo desde o período colonial, como veremos nas seções seguintes.

ESTRUTURA DA NARRATIVA

Antes de prosseguirmos é necessário colocar o leitor a par de algumas características centrais no estilo presente na obra e como se desdobra a relação entre o narrador e os personagens. Há, por exemplo, grande riqueza poética no detalhamento das paisagens.

Vázquez-Figueroa coloca grande ênfase nos diálogos entre os personagens, onde se fundirão perspectivas, conflitos e visões de mundo. Um recurso muito utilizado é o diálogo direto, sem intervenção do narrador (semelhante ao *tête-à-tête*), ouvindo-se diretamente suas impressões e personalidade, o que permite ao leitor formar um julgamento da psiquê e das formas de agir de cada um. De acordo com Ávalos (2008), essa presença de diálogos diretos é lugar-comum nas obras de Figueroa.

Por vezes, o autor faz o leitor refletir a respeito dos posicionamentos que o próprio narrador oferece. De que lado ele está? Como pode conhecer tão bem os feitos de Gacel Sayah? Neste sentido, a voz narrativa:

[...] é a instância narradora não representada e o narrador (personagem daquele que escuta ou lê uma narrativa) do destinatário da narrativa (pessoa não representada, mas

postulada e objetivada pelo ato de narração) (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 343).

A descrição de natureza etnográfica que faz da Paisagem mistura o imaginário místico com uma percepção científica, juntando assim, os mitos com suas origens geográficas:

O maciço de Sidi-El-Madia se levantava de repente na planície, vermelho e ocre, fruto de um imenso cataclismo, provavelmente anterior ao nascimento do homem, como se uma mão monstruosa o houvesse empurrado das profundezas da Terra, colocando-o ali antes, por artes da bruxaria.

O eterno vento do deserto tinha varrido seus cumes durante milhões de anos, despojando-os de todo o rastro de terra, areia ou vegetação, e sua aparência era a de uma infinita rocha nua, reluzente, castigada pelo sol e fraturada pelas brutais diferenças de temperatura entre o dia e a noite. Os viajantes, que em algum tempo haviam atravessado aquelas montanhas, garantiam que nos amanheceres se ouviam vozes, gritos e lamentos, embora se tratasse, na realidade, do estalido das pedras aquecidas, quando a temperatura baixava bruscamente.

Era, em verdade, um lugar inóspito, no coração de uma região inóspita; região onde, era possível pensar, o Supremo Criador se empenhara em atirar todo o lixo de sua obra, amontoando confusamente pedras, salinas, areias e "terras vazias" (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 109).

No exemplo acima, nota-se uma forte capacidade descritiva, correlacionando com facilidade fatores ambientais com o microcosmo místico dos indivíduos. É, de acordo com Ávalos (2003) outra constante na obra:

Ele não cria os ambientes, sua câmera retrata os sentimentos e olhos de um viajante incansável que retém o que a natureza e as pessoas escondem. A descrição do deserto desperta no leitor a sensação de calor intenso e vácuo de espessa paisagem, inóspita

para a maioria dos habitantes da Terra (ÁVALOS, 2003, p. 356 – tradução livre).

Ao optar por um estilo descritivo-reflexivo nas paragens, momentos e pontos de referência esboça-se uma topografia ambiental e utilizando-se de uma nomenclatura árabe estabelece uma tipologia das formas de relevo presentes na paisagem:

Ali, estava, por fim, a união maravilhosa e fecunda, e depressa, com o sol daquela mesma tarde, a adormecida semente do *acheb* despertaria violenta, cobriria a planície de verde e transformaria a árida paisagem na mais bela das regiões, florescendo por poucos dias, para submergir em um novo e longo sono até a próxima tormenta, que talvez tardasse outros quinze anos em chegar (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 32-33).

Esta riqueza oriunda da mistura de vocabulários retrata o: "[...] *erg* como dunas de deserto, *hamada* como pedregais nas zonas desérticas, *Sekia* como um canal seco de um rio anteriormente caudaloso, *sekha* como lago salgo e *acheb*, típica vegetação que surge no deserto a partir de escassas chuvas" (ÁVALOS, 2003, p. 359-360)

Em outras passagens, notamos a presença de um animismo em que entidades não humanas como as dunas adquirem uma essência espiritual, misturando fenômenos geográficos com as sensações do deserto:

Era um mar de corpos de mulheres despidas, deitadas ao sol, a pele douradas, algumas vezes bronzeadas e até mesmo vermelhas, nas mais antigas protuberâncias. Eram corpos imensos, com peitos de duzentos metros de altura, traseiros de um quilometro de diâmetro, e longas pernas, inacabáveis pernas, inacessíveis pernas, pelas quais ascendiam pesadamente os camelos, escorregando, barrindo e mordendo, ameaçando a cada instante fraquejar e desabar até o pé da duna para não se levantarem e acabarem devorados pela areia.

Os *gassi*, as passagens entre uma e outra duna, se transformavam em um tortuoso labirinto, e eram inexistentes na maioria das vezes, ou voltavam ao ponto de partida, e só o inacreditável senso de orientação de Gacel Sayah e a confiança no seu critério davam a eles a segurança para avançar até o sul, dia após dia, sem o menor recuo (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 153).

Como visto, os diversos recursos estilísticos utilizados pelo autor ao longo do romance servem para a replicação de um *genius loci*, à guisa da experiência pessoal, da percepção e das alegorias. O leitor vê-se imerso no deserto e seus mistérios.

VIDA SOCIAL, COMÉRCIO E NOMADISMO NOS POVOS TUAREGUES

Os povos Tuaregues tradicionalmente habitam "zonas tampão" no norte da África conhecidas pelas condições extremamente difíceis, que os isolam do contato com demais regiões. Dedicam-se em grande medida a atividades mercantis e pastoreio³. No entanto a antiga base de seu sistema de oásis, dromedários e datas encontra-se em mutação, com a diminuição constante de seu território em face às nações modernas (BERNUS, 1990, p.149). Este tema é retratado em diversas passagens no romance. Mas, em linhas gerais, quem são os tuaregues e como estão estruturados sua sociedade e seus costumes? Essas considerações serão importantes no decorrer do artigo e utilizamos como fonte dois grandes trabalhos, o primeiro, um estudo comparativo a respeito de sistemas pastoris Tuaregues intitulado "Dromedaries, and Drought: Diversification in Tuareg Pastoral Systems" de Edmund Bernus (1990) e um compêndio sobre História geral dos povos árabes intitulado "Uma História dos Povos árabes" de Albert Hourani (1996).

³ Em menor grau, mas não ofuscando as atividades principais dedicam-se à produção artesanal de joias e artefatos muito bem elaborado que costumam comercializar em grandes centros mercantis.

De acordo com Bernus (1990), o sistema originário consistia no trânsito entre oásis e as bases onde seriam vendidos ou trocados os animais ou produtos comerciais (como o sal, p.ex.). Tal sistema incorporava um cuidado estratégico com o calendário e um conhecimento seguro das rotas no deserto. A atividade original de pastoreio vem, desde a década de 1950 enfrentando a concorrência da agricultura irrigada nas regiões limítrofes de seu território, o que tem trazido à dissolução da antiga hierarquia Tuaregue, afastando seus membros da vida nômade. Essa relação é representada nesta passagem presente nas primeiras páginas do romance:

Tinham ficado definitivamente para trás os tempos gloriosos em que os Tuareg assaltavam caravanas ou atacavam, uivando, os militares franceses; e tinham passado igualmente os tempos de rapina, luta e morte, correndo com o vento pela planície, orgulhosos do apelido "bandoleiros do deserto" e "senhores" das areias do Saara do sul do Atlas às margens do Chade. [...] Alguns de seus mais valentes guerreiros dirigiam caminhões para um patrão "francês", serviam no exército regular ou vendiam tecidos e sandálias a turistas de berrantes camisas (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 11).

Em síntese podemos definir dois grandes grupos (BERNUS, 1990): os *Kel Deneg* (em grande parte pastores) e *Kel Gerel*, da qual nosso herói Gacel Sayah é *Immouchar*, um guerreiro aristocrata no topo da hierarquia. As tribos subdividem-se em diversos outros clãs. Mas de maneira geral, encontram-se ao longo da porção norte da África, orbitando em grande medida o deserto do Saara, nas porções do *Magreb* e do Saara oriental. São países com presença Tuareg: Argélia, Mali, Líbia, Egito, Chade, Marrocos e Níger. Embora exista grande diversidade étnica e social em suas sociedades, possuem algumas características semelhantes, aponta Bernus (1990):

A organização política dos Tuareg envolve a justaposição de uma série de "confederações", ou *Ettebel* (tambor, uma marca de poder), dentro do qual um número variável de tribos, pertencentes a todos os níveis da hierarquia social, unem-se sob a direção de um *amenokal*, um líder escolhido a partir da aristocracia da mesma tribo. Um modelo semelhante existe de Djanet para Timbuktu, de Tamanrasset para Madaoua: varia de acordo com a importância relativa dos grupos pertencentes a diferentes categorias sociais. Guerreiros aristocráticos (*imajeghen*) formam quase sempre uma pequena minoria entre os homens livres, enquanto o número relativo de vassalos ou afluentes, que também são guerreiros (*imghad*) e muçulmanos (*ineslemen*) varia consideravelmente de um *ettebel* para outro. A proporção de escravos, cativos, servos, homens livres, e aqueles vinculados por tradição a servidão, cresce rapidamente à medida que adentramos a zona meridional agropastoril (BERNUS, 1990, p. 152-154 – tradução livre).

A crença na força dos *Immouchar*, os guerreiros aristocratas, faz com que sejam constantemente levados a realizar feitos extraordinários, sendo imortalizados em poemas épicos transmitidos de geração a geração. Um traço em sua cultura é que o passado nunca é esquecido.

FRONTEIRAS E TERRITÓRIO: CONTROLE E PERCEPÇÃO NO DESERTO

Para Gacel, o protagonista, o território está diretamente ligado a seus pertencentes, seus familiares e ao seio comunitário. Tal direção contrasta com a ideia de fronteiras marcadas. Essa relação fica clara no diálogo a seguir em que um ancião lhe explica a geopolítica do país após a retirada dos franceses e o desmantelamento da antiga Geografia do deserto:

(Ancião)

— Naquele tempo, de um lado estavam os franceses, do outro, nós. Agora lutamos entre irmãos, uns querem isso, outros aquilo. — sacudiu pesaroso, a cabeça. — Porque, quando os franceses

foram embora, dividiram os **territórios**, criaram fronteiras, traçando linhas em mapas, separando tribos, famílias, que agora podem pertencer a mais de um país. Se o governo é comunista, comunista; se é fascista, fascista; se é governado por um rei, a gente deve ser monarquista. [...]

— Quando eu era criança, a gente encontrava bons poços e lençóis de água muitos dias antes de chegar ao rio. Agora, as areias ameaçam suas margens, os Poços se esgotaram e os últimos vestígios de verde desapareceram. [...] é o deserto que avança muito depressa...

(Gacel)

— Eu não me importo com que o deserto avance e engula outras terras – disse Gacel. — Estou bem aqui. O que me preocupa é que o deserto já não seja suficientemente grande para que nos permitam viver em paz. Quanto mais cresça, melhor. Talvez assim, algum dia, se esqueçam de nós (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 133-134 – adaptado).

Quando testada a experiência de adaptação e aprendizado de Gacel Sayah, o protagonista mostra semelhanças com o personagem Hayy no famoso romance "O filósofo Autodidata" (2005) escrito por Ibn Tufail⁴ no século XXII, à semelhança de Gacel Sayah, consegue estabelecer relações e aprender como se comportar em ambientes diferentes a partir de inferências e reflexões sobre o próprio ambiente. Essa observação é também compartilhada por Ávalos (2003). Um trecho em particular ressalta essa característica de adaptação de Gacel, quando confrontado pela primeira vez com neve e frio intenso a caminho da capital argelina:

Espantou-se com a consistência da neve. Mais que o frio, surpreendia-o o tato, aquela indescritível moleza levemente crepitante que se desfazia entre os dedos dele; nem areia,

⁴ De acordo com Séverine Auffret na introdução de o filósofo Autodidata (TUFAIL, 2005), essa obra influenciou vários romances famosos como Tarzan de Edgar Burroughs (1875-1950) e Robinson Crusoe de Daniel Defoe (1660-1731).

Quando a geografia encontra a literatura: paisagem cósmica e conflito de visões em "Tuareg" de Alberto Vázquez-Figueroa

Bruno Frank

nem água, nem pedra, diferente de tudo o quanto houvesse apalpado até aquele momento. E era tanta a sua surpresa que demorou em perceber que seus pés, quase desprotegidos no interior de levíssimas sandálias, estavam se congelando (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 227).

A experiência de adaptação segundo Tuan (2012) desenvolve-se a partir de princípios já existentes e desorienta-se quando em ambientes radicalmente diferentes. O primeiro contato com uma "urbe", suas dimensões e natureza de orientação desenvolvem novos referenciais. O diálogo de Gacel Sayah e o motorista de ônibus demonstra isso:

[...]
 Gacel Sayah: Que é um trem?
 — Será melhor que você mesmo vá ver o que é um trem — Siga por esta rua e a três quadras, quando encontrar um edifício marrom, é ali...
 — A três o quê...?

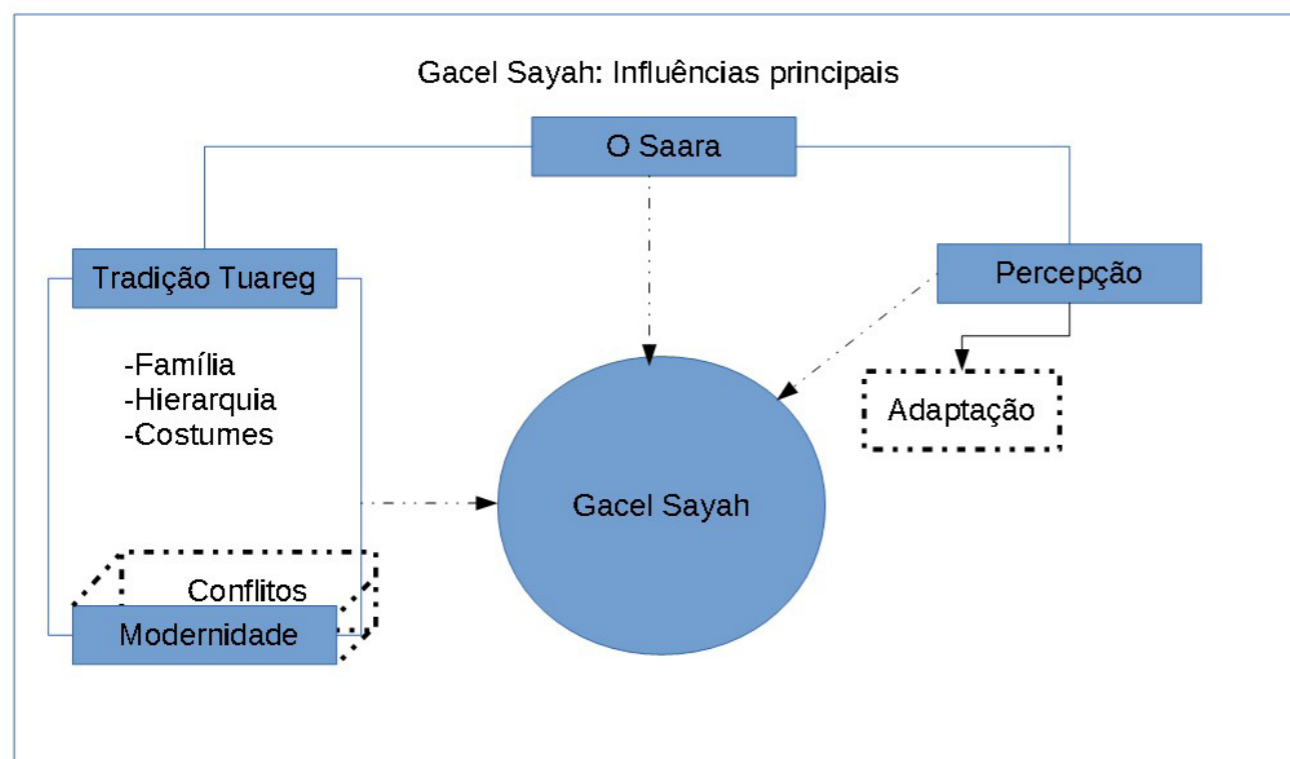


Figura 1 – Gacel Sayah; "O universo tuaregue": influências principais

— Três quadras. — Fez um largo gesto com a mão. — Muito bem, imagino que onde você vive não existe nada disso. Siga em frente até encontrar o edifício marrom... Não tem outro (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 225 – adaptado).

A capacidade de adaptação de Gacel Sayah com o deserto parte de um domínio satisfatório das variáveis de seu ambiente. Essa capacidade é reforçada através da transmissão oral da história de seus ancestrais e do reforço dos papéis sociais através de sua eficácia na incorporação do ambiente. Tais aspectos garantiam a sobrevivência e o uso racional de recursos limitados.

CONFLITO DE VISÕES

A relação entre meio ambiente natural e visão de mundo é vital para o entendimento do comportamento do protagonista e dos conflitos diretos entre si e os "outros". Essa relação segundo Tuan:

O meio ambiente natural e a visão de mundo estão estreitamente ligados: a visão de mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo. Nas sociedades não tecnológicas, o ambiente físico é o teto protetor da natureza e sua miríade de conteúdos. Como meio de vida, a visão

de mundo reflete os ritmos e as limitações do meio ambiente natural (TUAN, 2012, p. 116).

Mas o que é uma visão de mundo? De forma sintética, nosso entendimento é como coloca Thomas Sowell (2011):

[...] um sentido de **causalidade**. É mais como um palpite ou um "instinto" do que um exercício de lógica ou de verificação factual. Essas coisas chegam mais tarde e alimentam-se do material bruto fornecido por uma visão. Se a causalidade procede como a nossa visão concebe, **então**, algumas outras consequências derivam, e a teoria é a elaboração do que são essas consequências. A evidência é o fato que diferencia uma teoria da outra. Os fatos não "falam por si mesmos". Eles falam a favor ou contra teorias concorrentes. Fatos divorciados da teoria ou da visão são meras curiosidades isoladas (SOWELL, 2011, p. 19).

Grande parte dos diálogos recorrentes entre os personagens situam-se ao longo de temas relacionados com o fim do período colonial e o início de um martírio pelo poder. Buscado por diversos setores, mais a esquerda e mais a direita, com a formação de um protonacionalismo argelino ao fundo. Estes processos não envolveram efetivamente uma preocupação com a construção de uma identidade:

Durante cem anos tinham vivido sob o poder dos colonizadores franceses, que se esforçaram para manter o povo na ignorância. Embora agora se considerassem livres e independentes esses anos de independência não tinham produzido uma população melhor ou mais culta. Pelo contrário, frequentemente a liberdade fora mal interpretada por muitos, considerando-se que o fato de se livrarem dos franceses significava fazer o que lhes desse na veneta, para se apoderarem, pela força, de tudo o que os colonizadores deixaram em sua retirada (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 98).

Seria ingênuo considerar a hipótese de "conflito civilizacional" por si só, preferindo a ideia de visões de mundo. Embora existente, há um

perigo em adotar tal ponto de vista como central, uma vez que é fácil somente deduzir posições contrárias a partir de conflitos, ignorando pesos e contrapesos enquanto a construção de visões pode ocorrer por complementaridade.

O conflito entre visões de mundo aparece a todo o momento na obra, principalmente quando o protagonista é confrontado com a experiência de conceitos e figuras tipicamente modernas. Um exemplo dá-se quando o personagem resgatado por Gacel lhe explica sua ideologia:

[...]

— O que é ser comunista? – diz Gacel.

— Pretendem que todos os homens devem ser iguais, com iguais deveres e direitos, e que as riquezas sejam repartidas entre todos... – responde o comunista.

— Pretendem que sejam iguais o esperto e o bobo, o *imohag* e o escravo, o trabalhador e o preguiçoso, o guerreiro e o covarde...? – Perguntou, espantado. — Estão loucos! Se Alá nos fez diferentes por que pretendem que sejamos iguais? – deixou escapar um suspiro. — De que me valeria, então, ter nascido *Targuí*? (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 133-134 – adaptado).

Para se ter uma ideia, os personagens replicam essas diferenças na própria maneira a que referem-se uns aos outros. Há, por exemplo, uma diferença no modo que Gacel Sayah se dirige à estrangeiros ou não-tuaregues, franceses ou não são considerados de forma jocosa como "ramí". Essa clarificação de "si" e do "outro" é exaltada na descrição de Gacel da origem de seu povo, a partir de um mito de raça superior:

— Dizem que nossa raça já era inteligente, culta e poderosa, lá na ilha de Creta, nos tempos dos Faraós. Tão inteligente e poderosa que tentou invadir o Egito, mas uma mulher os traiu e eles perderam a grande batalha. Alguns deles fugiram para o este, se estabeleceram junto ao mar e formaram o povo dos fenícios, que dominaram os oceanos. Outros fugiram para o oeste, e se

Quando a geografia encontra a literatura: paisagem cósmica e conflito de visões em "Tuareg" de Alberto Vázquez-Figueroa

Bruno Frank

estabeleceram sobre as areias, dominando o deserto. Milhares de anos depois, vocês chegaram, os bárbaros árabes, a quem Maomé acabava de tirar da mais negra ignorância... (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 127).

Nesse sentido, não é somente Gacel que aprende sobre a "nova" política, mas seus antagonistas são treinados através dos sentidos a captar parte da essência de sua relação com o ambiente. Um exemplo disto é um diálogo entre o soldado feito cativo e Gacel:

[...]

— As vezes acho que você não compreende qual é a realidade – disse com naturalidade. — Não se trata de uma luta entre você e nós. [...] você cometeu um delito e tem de pagar por isso.

[...]

Gacel:

— Foi o que eu disse ao capitão. — Não deveria ter assassinado meu hóspede. Ninguém o castigou pelo que fez. Tive de fazê-lo eu [protagonista assassinou o capitão].

— O capitão cumpria ordens.

— De quem?

— Ordens superiores, imagino... Do Governador.

— Mas quem é o governador para dar essas ordens? Que autoridade tem ele sobre mim, minha família, meu acampamento e meus hóspedes?

— A autoridade que lhe dá o fato de ser o representante do governo na região.

— Que governo?

— O da República

— Que é uma República?

[...]

— Não quer que eu explique agora como funciona o mundo. [...] Pode ser que tenha razão – admitiu. Acho que deveria explicar que não somos mais uma colônia, e que, assim como tudo mudou para os Tuareg quando os franceses chegaram voltou a mudar agora que eles se foram...

— Se já se foram, o lógico é que voltemos à nossas antigas tradições.

— Não, não é lógico. Estes cem anos não passaram em vão. Aconteceram muitas coisas... o mundo; o mundo todo se transformou.

Gacel fez um largo gesto com a mão, indicando o mundo à sua volta.

— Aqui nada se transformou. O deserto continua sendo o mesmo, e assim continuará por mais cem vezes cem anos. E ninguém veio aqui para me dizer "tome água, comida, munições ou remédios, os franceses foram embora. Não podemos respeitar, por mais tempo, os costumes, leis e tradições que vêm dos seus antepassados; em troca, vamos dar a vocês outras melhores, e fazer com que a vida de vocês no Saara seja mais fácil, tão fácil que não precisarão mais desses costumes...". [...] Enquanto não estiverem capacitados a adaptar todo o país a essa nova situação, o melhor será respeitar o que já existe. É uma estupidez **destruir sem haver construído antes** (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 111-112 – adaptado).

Aqui Gacel enxerga a estrutura familiar e a tradição como meios eficazes de transmissão de valores civilizacionais (que seria resistente aos testes do tempo). Este tema é recorrente no próprio pensamento conservador, que visa à continuidade e à reforma a partir da tradição existente e não na natureza revolucionária.

Um caso de reforma e adição aos costumes é representado pela adaptação ao uso de armas de fogo (introduzidas por europeus) pelos Tuaregues, que incapazes de lutar aos moldes antigos, abraçam a nova tecnologia de combate por seu valor funcional, mas atêm-se com firmeza aos códigos de conduta passados por seus ancestrais durante a batalha. O protagonista adota com relutância as mudanças nos costumes:

[...]

Soldado:

— A vida não é tão simples como parece aqui no deserto. [Sobre a questão do que é certo e errado].

Quando a geografia encontra a literatura: paisagem cósmica e conflito de visões em "Tuareg" de Alberto Vázquez-Figueroa
Bruno Frank

— Pois, então, não tragam essa vida para o deserto. Aqui está bem claro o que é bom ou o que é mau, justo ou injusto (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 114 – adaptado).

Desta maneira um sistema rígido de hierarquia se faz necessária aos modos estritos das atividades ligadas ao deserto (BERNUS, 1990). Trata-se novamente de um reforço do *status quo* que justifica a apropriação eficiente do potencial ambiental, mas que, no entanto, não prescinde de reformas.

PAISAGEM CÓSMICA E REDENÇÃO

Um tema recorrente em diversas passagens é o caráter místico ou religioso na paisagem. As comparações entre os fenômenos pedogenéticos e a intervenção divina são comuns, e o processo de redenção através dos rituais de travessia e sobrevivência são exemplos dessa inspiração.

Como bem coloca Norberg-Schulz (1980), no arquétipo das paisagens "naturais" existe uma dualidade entre o céu e a terra enquanto elementos distintos, sendo fortemente influenciadas por condições

ambientais. Na categoria de dominância "céu", o autor diferencia dois tipos básicos, aquelas onde a ordem cósmica possui importância primária (no caso do deserto) e um segundo tipo onde as mudanças atmosféricas (chuva, neblina, neve, etc.) contribuem radicalmente para o caráter ambiental (o arquétipo da paisagem nórdica, p. ex.).

Nas paisagens desérticas há um contraste forte entre a homogeneidade das dunas, prevalecendo o céu atravessado na linha do horizonte. Literalmente, um mar de areia. Neste cenário não é de se estranhar que autores como Humboldt, refletindo a poesia oriental reconheciam no camelo um "navio do deserto" (HUMBOLDT, 1952, p. 63). Norberg-Schulz assim descreve a paisagem Cósmica do deserto:

A extensão infinita e monótona da terra estéril; a imensa abóbada que abraça o céu sem nuvens (que raramente experimenta momentos entre rochas e árvores); o sol ardente nos dá uma



Figura 2 – Arquétipo clássico da imagem do Saara. Nesta imagem prevalecem linhas bem definidas, homogêneas. Céu claro, contraste de cor e camelos como "navios do deserto".

Fonte: <<http://www.saharamet.org/>>.

Quando a geografia encontra a literatura: paisagem cósmica e conflito de visões em "Tuareg" de Alberto Vázquez-Figueroa

Bruno Frank

luz quase sem sombras; o ar quente e seco, que nos diz como a respiração é importante para a experiência do lugar. [...] No deserto, portanto, o homem não encontra as "forças" variadas da natureza, mas experimenta suas propriedades cósmicas mais absolutas. Esta é uma situação existencial por detrás do provérbio árabe: "Quanto mais você entra no deserto, mais próximo você fica de Deus" (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 45 – adaptado; tradução livre).

O ritual de travessia, aspecto da redenção no deserto tem seu ápice na história da "Grande Caravana". Basicamente, trata-se de um mito a respeito de uma grande caravana que teria cruzado o Saara numa região inóspita conhecida como Tikdabra, carregada de ouro, foi devorada pelas dunas e permaneceu um mistério para os povos do deserto (e também um troféu a se perseguir).

Caravana essa que Gacel Sayah acaba encontrando por acaso, em uma passagem que dá-nos a ideia da imensidão do deserto e sua natureza:

Conhecia o deserto e sabia muito bem o que significava penetrar em um *erg* como o de *Tikdabra*, formado por uma ininterrupta sucessão de altíssimas dunas, que se prolongavam como um mar de gigantescas ondas e pareciam proteger, como uma armadilha de areia movediça, na qual homens e camelos afundavam, às vezes até o peito, uma imensa planície sem horizontes, tão plana quanto a mais plana das mesas, e na qual o sol reverberava permanentemente, dificultando a visão, cortando a respiração e fazendo ferver o sangue de homens e animais (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 58).

Na presença de uma paisagem do medo, vazia, retoma em delírio uma associação religiosa:

[...] Então fechou os olhos em inútil tentativa de se afastar da mente uma tal paisagem de pesadelo. Pesadelo que se cravava

de tal forma em sua retina que ele teve a certeza de que aquela a última visão de sua agonia.

Insh' Allah!

Por que teria querido Deus, capaz de tudo imaginar, plasmar ali, de maneira tão flagrante, a realidade do mais absoluto das nadas? [...] e não restava senão aceitar que conseguira dar uma volta completa na própria obra, criando um deserto dentro do deserto (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 162).

O impacto da travessia é tão grande no personagem que retoma um sentimento de nostalgia e medo. O apego ao lugar de origem e seus próximos, um aspecto da experiência redentora e das imagens do cotidiano diante da proximidade da morte:

Frios amanheceres, quando Laila se encolhia no seu colo, procurando o calor do corpo dele; longas manhãs de luz esplendorosa e expectante ansiedade na caça; pesados meios-dias de calor abafado e doce sonolência; tardes de céus vermelhos, quando as sombras se prolongavam pela planície como se quisessem tocar a beira do horizonte; e noites cheirosas e densas, à luz de uma fogueira, repetindo sem fadiga já decoradas lendas.

Medo ao *harmatan*, que soprava enfurecido, e à seca; amor à planície sem vento, e à negra nuvem que se abria para que a terra se cobrisse com o tapete verde do *acheb*.

A cabra que morria, a jovem camela que afinal emprenhava, o pranto do pequeno, o riso do maior, o gemido de prazer de Laila na penumbra...

Essa era a vida dele, a que desejava ardentemente, a única que havia querido e perdera porque não se sentiu capaz de suportar uma ofensa contra sua honra de *targuí* (VÁZQUEZ-FIGUEROA, 2012, p. 214-215).

Assim, o *Genius Loci* do deserto evocada pela paisagem Cósmica se manifesta na obra, com forte inspiração religiosa. Esses sentimentos são divididos pela experiência do lugar propiciada pelas leituras de "campo". Não é sem motivo que existe uma ligação entre as religiões

Quando a geografia encontra a literatura: paisagem cósmica e conflito de visões em "Tuareg" de Alberto Vázquez-Figueroa Bruno Frank

cristã e muçulmana com uma Paisagem desértica ou árida, da qual emerge a fonte moral e explicativa presente em seus textos sagrados como nota Norberg-Schulz (1980).

CONCLUSÃO: LITERATURA ENVOLVE A GEOGRAFIA

A luz da poética, a Geografia retoma a imaginação. Esse instrumento é capaz de levar-nos a captar o mundo através dos "outros". Como afirma o escritor Amós Oz (2004) a imaginação é uma das melhores armas contra uma cabeça fechada.

A obra também serve como um documento histórico-geográfico, um exemplo das relações homem-meio. Ampliar horizontes a partir das múltiplas leituras através da Paisagem. Um olhar treinado pela Geografia reconhece pela experiência os padrões e as mudanças no ambiente. Essas nuances são, em grande medida enriquecidas pela leitura. Desta forma, a educação de um Geógrafo não pode prescindir da Literatura.

A relação entre os personagens nos faz refletir a respeito de problemas que podemos vivenciar em diversos lugares. Na questão da adaptação e na mudança de hábitos, por exemplo, podemos retomar a importância da continuidade e da tradição assim como das "reformas". Uma das questões que poderíamos levantar é qual seria o ritmo correto destas mudanças e qual seu impacto na cultura.

Enquanto fonte documental, podemos extrair arquétipos, e a partir da imaginação categorizar e analisar a estrutura da Paisagem. Os diferentes contextos políticos, a natureza intransigente das fronteiras no deserto e os diferentes conflitos entre visões trazem a tônica do conflito pós-colonial instaurado, abordando a partir da experiência individual tanto do personagem quanto do autor da obra. Nos dizeres

de Chesterton (2012, p.195): "Um bom romance nos diz a verdade sobre o herói; mas um romance ruim nos diz a verdade sobre o autor." E sem dúvida podemos dizer que se trata de um bom romance e em certa medida, um aprendizado. ☺

REFERÊNCIAS

- ÁVALOS, J.R. Elemento árabe en la narrativa Española contemporánea: Tuareg. **Anuario de Estudios Filológicos**, Extremadura, XXVI, 2003, p. 355-367.
- BERNUS, E. Dates, Dromedaries, and Drought: Diversification in Tuareg Pastoral Systems. In: GALATY, G.; JOHNSON, L. **The World of Pastoralism: Herding Systems in Comparative Perspective**. [S.l.]: The Guilford Press, 1990. 436p.
- BROSSEAU, M. Geografia e Literatura. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, L. **Geografia cultural: Uma Antologia**. Rio de Janeiro: Eduerj, v. II, 2013, p. 165-292.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise de Discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHESTERTON, G. K. **Hereges**. 2ª. ed. São Paulo: Ecclesiae, 2012.
- HOURANI, A. **Uma História dos povos Árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HUMBOLDT, A. V. **Quadros da Natureza**. São Paulo : Brasileira Ltda., v. 1, 1952.
- NORBERG-SCHULZ, C. **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture**. New York: Rizzoli, 1980.
- OZ, A. **Contra o fanatismo: Como curar um fanático**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Quando a geografia encontra a literatura: paisagem cósmica e conflito de visões em "Tuareg" de Alberto Vázquez-Figueroa
Bruno Frank

RICO, E. M. La Historia como aventura en Alberto Vázquez-Figueroa. **DICENDA**: Cuadernos de Filología Hispánica, Madrid, v. 26, p. 343-362, 2008.

SOWELL, T. **Conflitos de Visões**: Origens ideológicas das lutas Políticas. São Paulo: É Realizações, 2011.

TUAN, Y.-F. **Topofilia**: Uma estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: EDUEL, 2012.

VÁZQUEZ-FIGUEROA, A. **Tuareg**. 12^o. ed. Porto Alegre: L&PM, 2012 [1988].

Submetido em Maio de 2015.
Revisado em Setembro de 2015.
Aceito em Setembro de 2016.